

COMPREENSÃO LEITORA: COMO SE (RE) CONSTRÓI A SIGNIFICAÇÃO TEXTUAL?

Ademir Paulo Giralde¹

RESUMO

Quando o leitor decodifica um texto, objetiva compreender o que lê. E a compreensão é a meta perante a leitura. Com isso, interroga-se como acontece a compreensão da leitura, isto é, de que forma o leitor (re)constrói a significação textual. Desse modo, o tema deste trabalho é a compreensão em leitura. O objetivo é trazer à tona as principais contribuições de um dos modelos de compreensão textual mais influentes nos estudos psicolinguísticos – o de Kintsch e van Dijk (1978). Para isso, um percurso metodológico foi traçado. A pesquisa, quanto aos objetivos e às fontes de informações, configurou-se em uma investigação de cunho bibliográfico-exploratório, tendo a documentação indireta como o principal instrumento de coleta de dados. Da apreciação crítico-reflexiva dos dados, constatou-se que, para compreender um texto, o leitor se vale de uma série de macrorregras/macroestratégias (apagamento, seleção, generalização e construção) para selecionar proposições textuais mais relevantes (macroproposições) e construir uma representação mental coerente do que foi lido. Faz-se isso com base no *input* linguístico (unidades semânticas do texto) aliado ao conhecimento prévio do leitor. Palavras-chave: Linguística. Psicolinguística. Leitura. Decodificação. Compreensão.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em relação à compreensão, os trabalhos de Kintsch e van Dijk (1978) são renomados e têm substancial influência em pesquisas contemporâneas. Conjuntamente, eles desenvolveram um consistente modelo de processamento psicológico-linguístico do texto em 1978. O modelo presume que, na compreensão em leitura, uma série de processos ocorre, muitas vezes, em paralelo ou sequencialmente.

Com este trabalho, algumas considerações teóricas sobre o modelo foram feitas. À medida que se apresenta o modelo de 1978, faz-se um paralelo com outros trabalhos (van Dijk e Kintsch, 1983; van Dijk, 1980; e Kintsch, 1998), os quais correspondem ao aprimoramento do modelo inicial. De antemão à apresentação do consistente modelo a respeito de como os leitores compreendem aquilo que leem, (re)visitam-se dois conceitos inter-relacionados: leitura e compreensão.

Destaca-se que leitura, *grosso modo*, é a complexa tarefa de (re)construção da significação de um texto. Para que isso seja efetivado, uma série de habilidades e estratégias do leitor são postas em uso, além da utilização de seu conhecimento prévio (linguístico, textual e enciclopédico). Quando se (re)constrói com sucesso a significação textual, há compreensão (GIRALDELLO, 2016). Por conseguinte, a leitura, como se tem apontado em estudos psicolinguísticos, nada mais é do que uma modalidade específica de processamento de informações. E a compreensão corresponde tanto ao uso quanto à construção de representações mentais de informações.

A esse respeito, o principal questionamento é: como ocorre a compreensão daquilo que se lê? Kintsch e van Dijk respondem a essa indagação contundentemente. Veja-se por que na próxima seção.

2 A COMPREENSÃO EM LEITURA

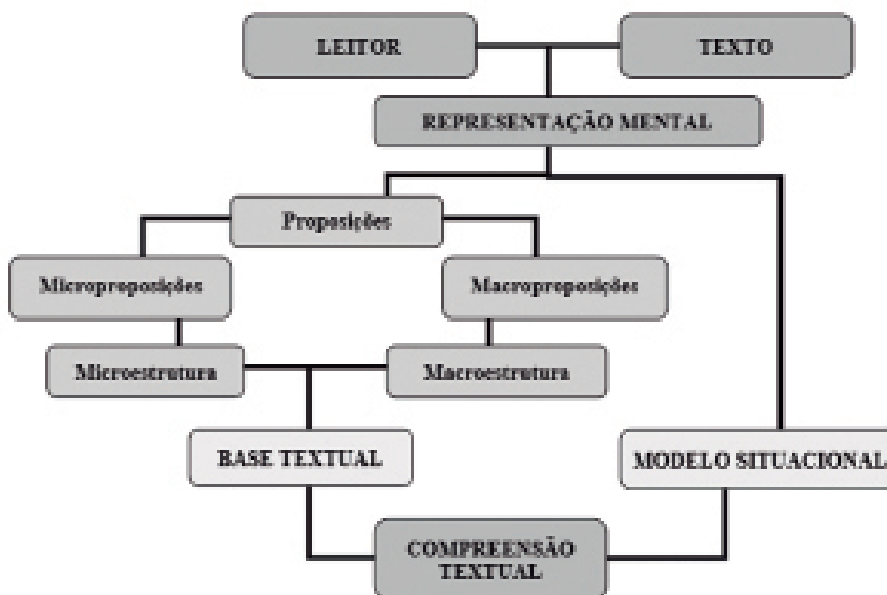
O texto é um conjunto de proposições, umas explicitamente expressas outras subentendidas (KINTSCH; VAN DIJK, 1978). Compreendê-lo significa representar gradual e mentalmente em redes semânticas as proposições textuais. Logo, a compreensão envolve constantemente o uso de conhecimento e processos inferenciais. Como apontam van Dijk e Kintsch (1983), faz-se necessário que o leitor lance mão de diversas informações, como as linguísticas (conhecimento lexical, semântico, sintático e textual), cognitivas (conhecimento episódico, semântico e procedimental) e contextuais (fatos da situação e interação). Integradas, elas viabilizam a compreensão.

¹ Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal da Fronteira Sul; Graduado em Letras – Português/ Inglês pela Universidade do Oeste de Santa Catarina; ademirgiralde¹@gmail.com

Observe-se o Diagrama 1, o qual sistematiza, de antemão, alguns aspectos principais do modelo de compreensão de Kintsch e van Dijk.

Para haver compreensão, em primeira instância, o leitor faz o reconhecimento de palavras, com base na decodificação do texto. Com isso, ele recupera aspectos fonológicos e semânticos dos vocábulos. Ou seja, nessa etapa, a compreensão inicia-se por processos *bottom--up* (ascendentes), por meio do acesso lexical. Posteriormente, os significados individuais das palavras de um período simples ou composto são combinados na memória de trabalho, formando-se uma unidade semântica abstrata – a proposição (KINTSCH, 1998). Aliás, linguisticamente, *proposição* é a unidade de significado de uma sentença. Psicologicamente, proposição é a representação conceitual de uma sentença na mente.

Diagrama 1 – Modelo de compreensão textual



Fonte: elaborado pelo autor com base em Kintsch e van Dijk (1978) e van Dijk e Kintsch (1983).

Uma proposição acaba por se relacionar com outras por correferência, coesão referencial e coesão sequencial. Essa inter-relação de proposições, conforme Kintsch e Rawson (2013), forma *microproposições*: unidades locais e específicas de significado. Juntas, as microproposições compõem a microestrutura do texto. Ou seja, a *microestrutura textual* é a rede de microproposições interconectadas, responsável por uma coerência local, que abarca pormenores da significação textual.

As microproposições, por sua vez, também se inter-relacionam, formando porções de significados mais genéricos do texto e carregando ideias mais fundamentais dele, relacionadas ao tema/assunto. Assim, esse significado geral, correspondendo geralmente ao de parágrafos, é denominado de *macroproposição* – unidade semântica global. A soma de macroproposições compõe a *macroestrutura textual*, rede de macroproposições responsável pela coerência geral e por uma espécie de sumarização do texto.

Ressalta-se que a estrutura semântica do texto é caracterizada pelas micro e macroestruturas. A microestrutura textual contém proposições individuais, com informações específicas sobre o texto (isto é, microproposições). Já a macroestrutura textual contém proposições genéricas, com informações gerais sobre o texto (ou seja, macroproposições). Ambas as proposições (micro e macro) estão relacionadas. Essa relação ocorre por meio de macrorregras (*macrorules*) (KINTSCH; VAN DIJK, 1978).

As *macrorregras*, segundo Kintsch e van Dijk (1978), são um conjunto de regras específicas de mapeamento semântico. Elas nada mais são do que regras de redução semântica, isto é, regras para a exclusão de proposições irrelevantes para a constituição da macroestrutura textual. Aliás, a partir das microproposições constitui-se a maior parte das macroproposições. Outras proposições textuais já carregam significados globais. Logo, são macroproposições.

As principais regras são: o *apagamento* (*deletion*), em que se excluem da macroestrutura textual (mas não da memória) as proposições irrelevantes para uma tarefa de leitura, redundantes e que não são úteis para a interpretação de outras proposições; a *generalização* (*generalization*), na qual se unem proposições textuais por meio de generalização; e a *construção* (*construction*), em que se controem proposições com base em proposições do texto. Destaca-se que:

Macro-operadores [isto é, macrorregas] transformam as proposições de uma base textual em um conjunto de macroproposições que representam a essência [semântica] do texto. Eles fazem isso apagando ou generalizando todas as proposições que são irrelevantes ou redundantes e construindo novas proposições inferidas. (KINTSCH; VAN DIJK, 1978, p. 372, tradução nossa).²

Desse modo, macro-operadores têm como função reduzir as informações textuais à sua essência (isto é, construir a macroestrutura do texto). Os macro-operadores são controlados por objetivos do leitor para com uma leitura. Assim, há a possibilidade de inclusão de uma ou outra proposição (tanto micro quanto macro) à macroestrutura do texto.

Em 1980, van Dijk propõe atualizações para as macrorregas propostas de 1978, admitindo quatro macrorregas: apagamento, seleção, generalização e construção. Ele sugere abordar a macrorrega de exclusão de proposições textuais como apagamento. Contudo, pontua que há duas modalidades: o apagamento fraco (*weak deletion*) e o forte (*strong deletion*). No apagamento fraco, excluem-se proposições irrelevantes, por serem redundantes ou desnecessárias à tarefa de leitura da macroestrutura. Já no apagamento forte, excluem-se proposições que até são relevantes, mas carregam significados muito específicos (pertencem, logo, à microestrutura e são microproposições).

Ademais, van Dijk (1980) propõe uma modalidade variante da macrorrega de apagamento – a regra de seleção (*selection*). À medida que se lê, apagam-se proposições irrelevantes (apagamento) e, conseqüentemente, selecionam-se as relevantes (seleção). Por sua vez, a macrorrega de seleção também possui uma variante: a regra zero (*zero rule*). Como algumas proposições do texto já carregam significados gerais, elas são macroproposições e não passam por regras de redução semântica (macrorregas).

Igualmente, van Dijk (1980) propõe uma modalidade específica da regra de generalização, a qual ele designa interpretação/avaliação (*interpretation/evaluation*). Quando se usa tanto proposições textuais quanto conhecimento prévio sobre eventos, fatos, situações para efetivar a regra de generalização, tem-se a regra de interpretação.

Além disso, somando-se a inter-relação de proposições micro e macroestruturais de um texto, chega-se à sua base (KINTSCH; FRANZKE, 1995). Ou seja, a micro e a macroestrutura formam a *base textual* (*text base*). Logo, a base do texto é sua significação fundamentada em elementos do próprio texto – o *input* linguístico, isto é, uma sequência coerente de proposições.

À medida que se compreende um texto, seus significados genéricos são transformados em representações mentais.³ E construindo-se essa base textual, já se garante uma compreensão. No entanto, como ela repousa basicamente em informações fornecidas pelo texto, é superficial. Então, para que a compreensão ocorra em níveis profundos, ao passo que se constrói a base do texto, pressupõe-se a ativação de informações relacionadas à situação descrita no texto da memória de longo prazo (KINTSCH, 1998). Essas informações nada mais são do que representações cognitivas que se tem de eventos, pessoas, contextos e ações; enfim, de situações em geral, que são utilizadas para se fazer inferências e preencher lacunas de sentido no texto. Nesse ponto, note-se que a compreensão depende de processos *top-down* (descendentes). Por fim, integrando os pontos essenciais do texto (macroproposições) ao conhecimento prévio do leitor, constrói-se mentalmente um modelo da situação (*situation model*).

Por conseguinte, em relação à compreensão textual, van Dijk e Kintsch (1983, p. 24) afirmam que ela “[...] envolve não somente a representação de uma base textual na memória, mas, também, ao mesmo tempo, a ativação, atualização e outros usos do chamado modelo situacional na memória [...]” Dessa forma, para compreender suficientemente um texto, o leitor tem de, além de representar proposicional e mentalmente as ideias textuais, ativar, por meio

² “Macro-operators transform the propositions of a text base into a set of macropropositions that represent the gist of the text. They do so by deleting or generalizing all propositions that are either irrelevant or redundant and by constructing new inferred propositions.” (KINTSCH; VAN DIJK, 1978, p. 372).

³ Os resultados da compreensão de um texto são as representações mentais (KINTSCH; FRANZKE, 1995). Conforme Finger-Kratochvil (2010), elas são unidades de organização com as quais se pode categorizar o conhecimento do mundo para poder compreendê-lo. São, portanto, o resultado de codificações de informações sensoriais. Para entender como ocorre esse processo de codificação, sugere-se a leitura de Sternberg (2010) e Rumelhart (1980).

da memória de trabalho, informações relacionadas à situação do texto da memória de longo prazo. Com isso, o leitor constrói um modelo situacional do texto, que é armazenado na sua estrutura cognitiva. Com isso, a compreensão é a representação mental de unidades semânticas globais de um texto (macroproposições). Essa representação, no fim, é unitária e engloba duas partes: a base textual e o modelo situacional.

Em relação ao processamento do texto, ele ocorre sequencialmente. Em virtude da limitação da memória de trabalho,⁴ o texto vai sendo processado de partes em partes (*chunks*) e por meio de ciclos. Especificamente, sete a 12 proposições são processadas a cada ciclo. A quantidade dessas partes textuais varia em relação à complexidade do texto, capacidade de memória de trabalho do leitor e maturidade leitora (KINTSCH; VAN DIJK, 1978).

Por conseguinte, à medida que se lê, porções de proposições são processadas. No primeiro ciclo de processamento, algumas podem ser julgadas como microproposições e outras como macroproposições. Com o segundo ciclo, as proposições do *input* linguístico (texto) são confrontadas com as macroproposições do primeiro ciclo (memória de trabalho). Algumas macroproposições do primeiro ciclo podem ser excluídas da macroestrutura textual, ou seja, passam a integrar à microestrutura, configurando-se em uma microproposição.⁵ Assim, a cada ciclo, uma nova rede semântica é construída (na verdade, retificada), na qual se integram as proposições advindas do texto com o que permaneceu na memória de curto prazo. Portanto, estrutura-se uma única rede de macroproposições, que será a representação mental do texto.

O modelo de compreensão textual de 1978 é estendido, modificado e reelaborado por van Dijk e Kintsch em 1983. O novo modelo é essencialmente de perspectiva construtivista: a primeira versão do modelo era estrutural; agora, enfatizam a dinamicidade no processamento textual e chamam-no de estratégico. O processamento textual é um processo estratégico visto que se constroem representações mentais do texto na memória pela utilização de informações externas (*input* textual) e internas (conhecimento prévio).

Das alterações, propõe-se o conceito de macroestratégia (*macrostrategy*). Basicamente, macroestratégia é uma estratégia utilizada para inferir macroproposições, isto é, distinguir quais das proposições textuais são micro e quais são macroproposições. Assim, estratégias textuais são ações para a (re)produção e compreensão do texto. Macroestratégias têm caráter flexível e heurístico. Flexível porque o leitor não precisa finalizar a leitura do parágrafo ou texto para saber seus tópicos; heurístico visto que o leitor é quem descobre/desenvolve táticas para compreender o texto (VAN DIJK; KINTSCH, 1983). Por meio de poucas proposições textuais, o leitor consegue inferir muitas coisas a respeito do assunto textual.

Além disso, o termo macroestratégia foi proposto para ampliar o que se designou de macrorregra em 1978. Estratégia, *grosso modo*, é uma ação organizada para se efetivar um objetivo: uma tática. Especificamente em compreensão, estratégias são ações intencionais do leitor, com consciência e com comportamento controlado, para processar o texto (compreender). Para van Dijk e Kintsch (1983), estratégias textuais são ações para se representar o texto mentalmente, isto é, selecionar das dezenas de proposições textuais somente as mais relevantes (macroproposições) para representação cognitiva. Enquanto regras correspondem a ações, definidas por convenção, que regulam o comportamento leitor diante de textos, estratégias concernem a essas ações (regras), mas utilizadas de maneira subjetiva para se alcançar um objetivo de leitura (compreensão).

Outras alterações em relação ao modelo de compreensão textual de Kintsch e van Dijk (1978) foram propostas. Em 1988, não mais trabalhando conjuntamente com seu colega,⁶ Kintsch propõe o Modelo de Construção-Integração (*Construction-Integration Model*). Esse modelo engloba as características do anterior. No entanto, nesse momento de amadurecimento teórico, prioriza-se o processamento e o conhecimento prévio em vez da representação textual.

O Modelo de Construção-Integração enfatiza substancialmente o conhecimento prévio na construção da representação mental do texto: “Para se construir até mesmo uma única proposição, uma estrutura apropriada deve ser recuperada do armazenamento de conhecimento da pessoa, que deve preencher lacunas [semânticas] da proposição na forma

⁴ Conforme Kintsch e van Dijk (1978), aquilo que é processado de maneira mais ampla será mais bem recuperado certamente. A capacidade de memória para o texto é muito melhor do que propõem testes psicológicos com listas de palavras e sílabas incoerentes.

⁵ Proposições podem ser denominadas de microproposições quando carregam significados específicos do texto ou quando são irrelevantes em relação a alguma tarefa de leitura. Proposições que carregam significados gerais do texto são denominadas de macroproposições. Algumas proposições podem, concomitantemente, ser denominadas de micro e macroproposições (KINTSCH; VAN DIJK, 1978). De microproposição porque é uma unidade semântica específica; de macroproposição por ser relevante ao objetivo de leitura.

⁶ Em virtude de passarem a dar enfoques teóricos distintos para a explanação da compreensão, Kintsch (perspectiva psicológica) e van Dijk (perspectiva discursiva) dão subseqüência em suas teorias individualmente.

indicada pelo texto.” (KINTSCH, 1988, p. 180, tradução nossa).⁷ No modelo anterior de Kintsch e van Dijk (1978), acreditava-se que a base textual representada mentalmente em uma rede proposicional era uma simples “tradução” do *input* linguístico. Contudo, “Ela [representação mental] não só contém as proposições derivadas diretamente do texto, mas, também, cada uma dessas proposições traz consigo uma série de outras proposições que estão intimamente ligadas a ela na rede de conhecimentos gerais.” (KINTSCH, 1988, p. 180, tradução nossa).⁸ Assim, durante a leitura, as proposições textuais são construídas e se estruturam em redes. Essas redes proposicionais do texto fazem com que haja a ativação (da memória de longo prazo) de redes semanticamente relacionadas disponíveis no conhecimento prévio do leitor. Kintsch (1988) é da posição que o conhecimento é representado em redes semânticas, em que cada nó corresponde a uma proposição/conceito (unidade com significado).

Ademais, no Modelo de Construção-Integração, duas fases imbricam-se no processo de representação mental do texto: a da construção e a da integração. Na fase da construção, explica-se a representação da base textual por meio do *input* linguístico (proposições textuais) e do conhecimento prévio do leitor. Na fase da integração, esclarece-se como a representação textual se integra à estrutura cognitiva do leitor.

Na fase da construção, como explana Kintsch (1988), o início do processamento textual é estritamente ascendente (*bottom-up*). Logo após, torna-se descendente (*top-down*) e interage com a modalidade ascendente. Por meio da identificação de palavras e acesso lexical, proposições textuais (*explicit text base*) são formadas com os significados vocabulares ativados. Por outro lado, proposições implícitas (*implicit text base*) também são formadas com base no uso de conhecimento prévio. Da soma dessas proposições, constitui-se uma rede de significados – a rede semântica do texto. Destaca-se que:

O resultado do processo de construção é, por conseguinte, uma rede [...] que consiste de todos os nós lexicais ativados [da memória de longo prazo], de todas as proposições que foram formadas, além de todas as inferências e elaborações que foram realizadas e construídas tanto no nível local [microestrutura textual] quanto no global (macroestrutura) e suas interconexões. (KINTSCH, 1988, p. 168, tradução nossa).⁹

Assim, o resultado da criação de uma representação mental do texto é uma rede semântica constituída de macroproposições textuais e informações do conhecimento prévio relacionadas a essas macroproposições.

Já na fase de integração, a representação mental do texto é integrada à estrutura cognitiva do leitor (HARLEY, 2008). Dito de outra maneira, a rede semântica que configura a representação mental do texto é adicionada às demais. Por fim, o conhecimento novo é definitivamente armazenado e, conseqüentemente, ocorreu a aprendizagem.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, pôde-se inferir que o leitor se vale de uma série de informações (visuais e não visuais) para reconstruir o sentido de um texto, ou seja, compreendê-lo. O resultado da compreensão são sempre representações mentais, resultados de codificações de informações sensoriais. Portanto, quando se diz que se compreendeu um texto, significa, teoricamente, que ele teve sua significação reconstruída e, por fim, representada mentalmente. Esse processo de representação passa pela apreciação de significados de palavras, sentenças e parágrafos e suas inter-relações, bem como daquilo que já se sabe sobre a situação abordada no texto.

Em síntese, observa-se que a compreensão se configura em um processo de interpretação da linguagem escrita (decodificação), de resumo de ideias principais de um texto (macroproposições), de ativação de conhecimento prévio e de representações mentais das unidades semânticas do texto. Aliás, o resultado da compreensão textual são sempre representações mentais. Ressalta-se que há a integração – às vezes alteração, complementação ou eliminação – de informações na estrutura cognitiva do leitor quando se compreende.

⁷ “To construct even a single proposition, an appropriate frame must be retrieved from one’s store of knowledge, and its slots must be filled in the way indicated by the text.” (KINTSCH, 1988, p. 180).

⁸ “Not only does it [mental representation] contain the propositions directly derivable from the text, but also each of these propositions brings with it a number of other propositions that are closely connected to it in the general knowledge net.” (KINTSCH, 1988, p. 180).

⁹ “The result of the construction process is, therefore, a network [...] consisting of all the lexical nodes accessed, all the propositions that have been formed, plus all the inferences and elaborations that were made at both the local and global level and their interconnections.” (KINTSCH, 1988, p. 168).

Reading comprehension: how the text meaning is constructed?

Abstract

When the reader decodes a text, he aims to comprehend what he reads. And comprehension is the goal forward to reading. Thus, it is questioned how reading comprehension occurs, i.e., how the reader (re)constructs the textual meaning. Therefore, this paper theme is reading comprehension. The goal is to bring out the main contributions of one of the most influential text comprehension models in psycholinguistic studies – the Kintsch and van Dijk' one (1978). For this a methodological approach was drawn. The survey, as the objectives and sources of information, sets up in a bibliographic and exploratory nature investigation and indirect documentation is the primary data collection instrument. With the critical-reflexive assessment of the data, it was found that to comprehend a text, the reader relies on a series of macrorules/macrostrategies (deletion, selection, generalization and construction) to select the most relevant textual propositions (macropropositions) and construct a coherent mental representation of what was read. This is done based on the language input (semantic units of the text) combined with prior knowledge of the reader.

Keywords: Linguistics. Psycholinguistics. Reading. Decoding. Comprehension.

REFERÊNCIAS

FINGER-KRATOCHVIL, C. **Estratégias para o desenvolvimento da competência lexical: relações com a compreensão em leitura**. 2010. 677 p. Tese (Doutorado em Letras)–Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/94372/279990.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

GIRALDELLO, A. P. Aspectos psicolinguísticos da leitura. **Unoesc & Ciência – ACHS**, Joaçaba, v. 7, n. 1, p. 23-30, jan./jun. 2016. Disponível em: <<http://editora.unoesc.edu.br/index.php/achs/article/view/10107/pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2016.

HARLEY, T. A. **The Psychology of language**: from data to theory. 3. ed. New York: Psychology Press, 2008.

KINTSCH, W. Comprehension and memory of text. In: ESTES, W. K. (Ed.). **Linguistic functions in Cognitive Theory**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1978.

KINTSCH, W.; FRANZKE, M. The role of background knowledge in the recall of a news story. In: LORCH JÚNIOR, R. F.; O'BRIEN, E. J. (Ed.). **Sources of coherence in reading**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1995. cap. 17. p. 321-333.

KINTSCH, W.; RAWSON, K. A. Compreensão. In: SNOWLING, M. J.; HULME, C. (Org.). **A ciência da leitura**. Tradução Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Penso, 2013. cap. 12. p. 227-244.

KINTSCH, W. The use of knowledge in discourse processing: a construction-integration model. **Psychological Review**, v. 95, n. 2, p. 163-182, 1998. Disponível em: <<http://old.nbu.bg/cogs/personal/kokinov/COG507/The%20Role%20of%20Knowledge%20in%20Discourse%20Comprehension.pdf>>. Acesso em: 07 maio 2016.

KINTSCH, W.; VAN DIJK, T. A. Toward a model of text comprehension and production. **Psychology Review**, v. 85, n. 5, p. 363-394, 1978. Disponível em: <http://www.someya-net.com/01-Tsuyaku/Reading/vanDijk_Kintsch_Model.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2015.

RUMELHART, D. E. Schemata: the buildings blocks of cognition. In: SPIRO, R. J.; BRUCE, B. C.; BREWER, W. F. (Ed.). **Theoretical issues in comprehension**. New Jersey: Earlbaum, 1980.

STERNBERG, R. **Psicologia Cognitiva**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

VAN DIJK, T. A.; KINTSCH, W. **Strategies of discourse comprehension**. New York: Academic Press, 1983. Disponível em: <<http://www.discourses.org/OldBooks/Teun%20A%20van%20Dijk%20%26%20Walter%20Kintsch%20-%20Strategies%20of%20Discourse%20Comprehension.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2016.

VAN DIJK, T. A. **Macrostructures**: an interdisciplinary study of global structures in discourse, interaction, and cognition. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1980. Disponível em: <<http://www.discourses.org/OldBooks/Teun%20A%20van%20Dijk%20-%20Macrostructures.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2016.